



I

OS PIRATAS BARBARESCOS

*Nos perigos grandes, o temor
é muitas vezes maior que o perigo.*

Luís Vaz de Camões

O fumo das chamas ofuscava os céus daquela manhã de outono de 1622 e contrastava com o azul cristalino das águas do mar da costa do Norte de África. Gritos, tiros, golpes de espada! Os sons irados da batalha eram ensurdecadores. O fogo, violento e impiedoso, propagava-se pela madeira da caravela portuguesa que, vulnerável, se afundava nas águas do oceano Atlântico. Um imponente navio árabe tinha sido o seu carrasco, e o palco do feroz confronto dividia-se agora pelos deques de ambos os barcos.

Apesar de lutarem como valentes, os marinheiros portugueses não estavam preparados para enfrentar os seus terríveis adversários, os piratas barbarescos.

Este grupo de renegados espalhava o terror pelos mares da costa africana. Naquela manhã, a caravela

portuguesa com destino a Lisboa não conseguira escapar. Estes piratas sanguinários saqueavam os navios europeus, roubavam mercadorias e tesouros e capturavam os sobreviventes para os venderem como escravos.

— O capitão foi atingido! — gritou um dos marinheiros.

— Meu Deus!

— Estamos perdidos!

— Não os conseguimos vencer.

— Estivemos tão perto...

— É o fim...

— Coragem! — exclamou uma voz forte e com sotaque francês. — Se unirmos as nossas forças, temos uma hipótese. Se cairmos, será de espada na mão e de cabeça bem erguida! O vosso capitão dir-vos-ia o mesmo.

— Senhor Richelieu! — exclamaram os jovens marujos.

Richelieu agarrou a espada com força, recordando que tinha uma promessa a cumprir. Clarick, a sua jovem pupila, tinha-lhe escrito para o seu exílio em Macau para lhe pedir ajuda. Com Richelieu fora de França, e os mosqueteiros em guerras internas entre o rei Luís XIII e a sua mãe, Maria de Médicis, a Ordem dos Cavaleiros da Rosa Negra prosperava a cada dia que passava e estava sedenta de vingança. A cicatriz que adornava a face de Richelieu era a eterna memória desse confronto entre o bem e o mal. A lembrança de que o perigo era real.

A viagem de regresso começara há meses e o tempo urgia. Richelieu tivera um mau presságio desde que lera as cartas da sua pupila. Na caravela portuguesa mantinha

a postura, mas por vezes mostrava-se um pouco distante e pensativo. Todos os tripulantes e o capitão conheciam as histórias dos corajosos mosqueteiros, os seus lemas e os valores pelos quais se regiam. Sabiam que Richelieu tinha sido um deles e, por isso, os mais jovens admiravam-no e os mais velhos respeitavam-no.

Se tudo tivesse corrido como planeado, chegariam a Lisboa em poucos dias. Mas quis o destino que ficassem à mercê dos piratas barbarescos.

— Pensem nas vossas famílias, na vossa pátria. Agarrem-se a isso e poderemos vencer! — gritou Richelieu.

Os jovens marinheiros olharam para o seu interlocutor e levantaram as espadas, prontos para o combate. Gritaram em unísono e, liderados por Richelieu, atacaram os piratas como leões indomáveis.

Os estalos da madeira a quebrar eram cada vez mais atordoantes e o calor das chamas fazia recuar os defensores. Tinham duas hipóteses: ou saltavam para o mar ou para o deque do navio inimigo.

Sombrio e cinzento, o fumo entrelaçava-se no feroz combate e os corpos humanos amontoavam-se a cada instante. Gritos de raiva e de dor misturavam-se num turbilhão de emoções. A derrota parecia inevitável. Nas águas do mar ficariam sonhos desfeitos e promessas por cumprir.

No ardor da batalha, Richelieu vislumbrou uma misteriosa figura envolta, com a cabeça adornada por um *keffiyeh*¹ e de cara tapada. Era imponente. Vestia renda branca e segurava uma cimitarra, uma perigosa espada

¹ Lenço árabe tradicional usado à volta da cabeça.

árabe. A lâmina estava ensanguentada, e o vulto movia-a com precisão, desferindo golpes mortais a quem ousava enfrentá-lo.

Richelieu estremeceu quando viu aquela destreza mortal, sem qualquer tipo de compaixão. O estranho preparava-se para matar um adolescente quando a espada de Richelieu o impediu, no último segundo.

— Chega!

Os piratas proferiram algo em árabe para a misteriosa personagem, ao qual esta respondeu. Richelieu apercebeu-se de que aquele homem devia ser o líder, visto que os restantes se afastaram de imediato, formando um círculo entre os dois. A voz do seu inimigo era grave e melosa.

Os dois adversários trocaram um olhar feroz antes de as suas lâminas dançarem no ar de forma rápida e incisiva. Os gritos de raiva que Richelieu soltou não foram suficientes para intimidar o seu inimigo nem para motivar a tripulação portuguesa, vencida. Muitos tinham caído, e os outros eram agora prisioneiros.

Só restavam Richelieu e o misterioso homem da cimitarra. Apesar de forte, a espada de Richelieu era muito mais pesada do que a arma do seu opositor; por isso, era difícil defender os ataques do adversário.

O vulto desferiu vários golpes, ferindo Richelieu no ombro e braços. Mas o francês não desistiu e lançou uma combinação de uma técnica do seu mestre de armas, o Senhor de Essarts.

O inimigo defendeu-se e contra-atacou de forma violenta. Richelieu caiu por terra, ensanguentado. Depois

tentou levantar-se, mas as forças só lhe permitiram ficar de joelhos.

Os marujos portugueses mais novos desviaram o olhar. Não queriam ver o fim do seu ídolo.

O misterioso homem caminhou calmamente até Richelieu, que, juntando as suas últimas forças, ainda tentou agarrar a espada. O pirata deu um pontapé na arma, afastando-a para o outro lado do deque.

Entretanto, a caravela portuguesa estava já submersa, restando apenas alguns panos brancos das velas.

O misterioso líder dos piratas olhou para os seus homens e proferiu mais algumas palavras em árabe. Os piratas agarraram nas cabeças dos marujos cabisbaixos e obrigaram-nos a olhar na direção de Richelieu. Os olhos do líder brilharam como raios de luz em noite de lua cheia. Parecia sorrir, pela forma como certos traços adornaram as linhas do seu olhar.

— Estou pronto — disse Richelieu. — Acabai com este espetáculo!

O pirata levantou a cimitarra. Richelieu não fechou os olhos. Esperava o golpe mortal a qualquer momento. Nesse instante, vieram-lhe à memória fragmentos e rostos do passado, entre os quais o seu mestre de armas, Essarts, a sua pupila, Clarick, Leonora de Galigai e Cécile, a sua eterna paixão.

Todos estremeeceram quando o misterioso homem embainhou a cimitarra. Depois, retirou o lenço que lhe cobria a cabeça e o rosto. Tratava-se de um homem ainda novo, de tez muito morena. Os cabelos negros e compridos caíam-lhe em cachos pelos ombros, e a face

rude era adornada por uma barba pontiaguda e muito escura.

Richelieu estremeceu mais uma vez quando a enigmática personagem lhe dirigiu a palavra.

— O espetáculo acaba quando eu decidir — disse o pirata em italiano, ciente de que Richelieu o compreenderia.

O francês semicerrou os olhos e recordou um relato antigo que ouvira em Itália sobre um rapaz de dez anos, filho pródigo da família Puccini, uma das mais antigas e nobres de Veneza. Consta a história que o herdeiro tinha sido morto num ataque de piratas ao navio onde viajava de regresso a casa. Depois deste trágico acontecimento, a família caiu em desgraça, e o seu nome morrera sem descendência.

Naqueles instantes, Richelieu equacionou a possibilidade de aquele homem ser, na realidade, o último Puccini, o mesmo que tinha sido dado como morto há muitos anos.

— Quem sois vós? — perguntou Richelieu. — Algum cobarde que apostatou?

Quando Richelieu dirigiu aquelas palavras ao seu líder, os piratas arregalaram os olhos e cuspiram para o chão. Socaram o francês e apontaram-lhe adagas ao peito. Houve outro que pegou na espada de Richelieu e lha apontou ao coração.

— Cão infiel!

— Não te atrevas a dirigir a palavra ao teu dono!

— Se voltas a proferir mais uma palavra, cortamos-te a garganta!